
História, memórias e sentidos de viver: as estratégias de ser quem se é no cotidiano de uma pluralidade cultural

*Luiz Carlos do Carmo**

Resumo: A presença e a atuação de homens e mulheres negros em cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás marcam a reflexão que se inicia. A construção de possibilidades, a manutenção de valores sociais, a permanência e atualização de valores históricos são elementos presentes nas narrativas de vida dos entrevistados. A análise das compreensões de vida desse conjunto de sujeitos, junto com as inserções sociais, as defesas de sentidos e dos modos de ser possibilitam investigar as intenções contidas nas demais versões do passado difundidas nessas localidades.

Palavras-chave: Memória. Cultura. Cotidiano.

Abstract: The presence and the performance of black men and women in the cities of the Triângulo Mineiro, parts of Alto Paranaíba and southeastern of Goiás mark this initiated reflection. The construction of possibilities, the maintenance of social values, the permanence and update of historical values are elements present in the narratives of life of the interviewed ones. The analysis about the understandings of life of this group of people, together with the social insertions, the defenses of the significations and the ways of being allow to investigate the intentions contained in the overmuch spread out versions of the past in these localities.

Key words: Memory. Culture. Quotidian.

* Professor no curso de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFGO). Coordenador de Extensão e Cultura do Campus de Catalão/GO. *E-mail:* lzcarmo@uol.com.br

As pesquisas acerca da presença e da atuação do contingente de homens e mulheres negros num amplo conjunto de municípios do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás formaram a base do doutoramento em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2005.¹

Durante as pesquisas, evidenciaram-se, concomitantemente ao processo de investigação e análise dos depoimentos e das muitas conversas com um grande número de homens e mulheres negros, de um lado, somados às investigações nos jornais e demais publicações em busca de referências à presença desse segmento populacional, de outro, diversas *nuances* nos desdobramentos dos envoltimentos cotidianos desse grupo. Ainda de acordo com as observações, os vários envoltimentos sociais dessas pessoas pareciam, irremediavelmente, ecoar e marcar o recôndito da dimensão humana desses sujeitos. As ações, as escolhas culturais pareciam responder a indagações várias acerca da trajetória histórica, da memória e dos valores desses sujeitos históricos nessa porção central do País.

Do vasto corpo documental trabalhado, com entrevistas e conversas realizadas em cerca de vinte e cinco cidades, ao longo de 20 anos, houve, em muitos momentos dos relatos, apontamentos em que ocorria a clara convergência de inúmeros princípios que, de uma forma ou de outra, deixava à mostra um conjunto imbricado de lembranças e avaliações acerca de situações com envoltimentos e posicionamentos sociais diversos que perpassaram as observações. Dentre tantos pontos, dos caminhos percorridos, dos impasses vividos, das soluções orquestradas, dos sentidos de realização pelos desejos alcançados, pelos dissabores dos investimentos não-materializados, ao longo dos anos as pesquisas apontavam para elementos complexos do viver e do querer ser visto nessas localidades.

Quanto à questão da presença e da atuação de homens e mulheres negros nessa região do Brasil Central, dentre outras preocupações, havia a intenção de compreender as ações e as formas de atuação marcadas pela presença do conjunto de devoções à Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito. Essa intenção era pautada na certeza de que, sob quaisquer aspectos focados e a abordagem eleita para o estudo, esses sujeitos poderiam ser percebidos como plenos de sentidos e de desejos e capazes de avaliar e decidir sobre as tentativas de encaminhamento de seu futuro, ao invés de apenas presos a uma tradição social religiosa que os prendera. Essa premissa organizou boa parte dos esforços ao longo dessas discussões. A intenção maior visava não a essencializar esse ou aquele comportamento coletivo, mas entender se aquelas opções, como as de se entregarem à

Umbanda e ao Candomblé, à devoção a Nossa Senhora do Rosário, aos Clubes Negros, ao sentimento de pertencimento que alinhava os moradores dos bairros, outrora territórios negros, dentre outras escolhas e/ou contingenciamentos sociais, foram condicionados ou se os elementos do passado a ser memorizado, em face das opções e posições do presente postas à sua frente, deixavam ver uma atualização política de elementos do passado, instrumentalizando escolhas do presente e do dia que seguirá.

Em momento algum me propus a apenas observar a maneira como determinadas palavras e/ou assuntos são singularmente entoados, ou como as cores usadas pelos ternos em procissão distinguem-se das demais segmentos dessas localidades, e/ou esmiuçar como esses sujeitos entregam-se, anos a fio, a essas celebrações.²

Ao mesmo tempo, era objetivo observar homens e mulheres negros também como vítimas incontestáveis de uma formulação de Estado que organiza e celebra determinadas memórias, que insiste na tentativa de normatização de um comportamento social desejado, que não condiz com as compreensões de passado de muitos que têm os seus desejos sociais e suas valorizações históricas certas; Estado recorrentemente voltado para “grupos específicos”, dentre inúmeras outras questões que fazem crer numa construção de nação brasileira recheada de problemas.³ As celebrações de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito indicaram a porta de entrada para vislumbrar aspectos da vivência desses sujeitos que nem sempre são postos à luz dos debates que organizam políticas públicas, formam profissionais variados, que enfim, auxiliam a formar este País.

Procurei trazer para análise as versões das demais vivências em que aspectos *totêmicos* das forças política e histórica, ordenadora do social conhecido, não estão presentes no primeiro plano. Buscar uma maneira na qual os sujeitos, que externam suas visões e suas compreensões dos lugares de poder, pudessem fazê-lo com a propriedade e a autoridade de quem fala acerca do que vivera e/ou do que acredita ter importância.⁴ Nessa ótica, as fontes orais encerram a possibilidade maior “de fixar, de acumular conhecimento pelo letramento, as fontes orais colocam em xeque as demais versões e os conjuntos de experiências que tentam ordenar as interpretações locais”. (PRINS, 1992, p. 163-198).

A partir das inserções sociais de homens e mulheres negros observados, dentre inúmeros outros elementos, fica claro que a capacidade de negociação social e a construção de um plano de convivência mínima faz-se presente, apesar da disparidade das forças sociais e das pressões

dos diversos grupos populacionais de cada uma das cidades pesquisadas. Nas várias localidades, nas observações dos entrevistados, cada uma daquelas vidas continua, à sua maneira, um conjunto marcado pela multiplicidade de exemplos das opções de vida efetuadas por membros mais velhos do contingente negro que os orientavam em diversos momentos do diálogo com as condições vividas, as formas de lidar com as possibilidades locais, assim como atualizavam os valores e sentidos eleitos, mantidos em meio à profusão de significados dessas localidades, mas acima de tudo com um diálogo direto com as compreensões acerca do que é e/ou deveria ser a forma e o local de atuação do negro.⁵

Emanam do trabalho de pesquisa elementos variados, indícios que apontam para particularidades do convívio com os signos e sentidos sociais em uma atmosfera em que o conjunto de homens e mulheres negros aparece viabilizando os sentidos e valores que os orientam em meio às diversas formulações sociais existentes. A presença de um amplo contingente de famílias negras, a persistência histórica de práticas sociais negras, como as celebrações de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito e o Treze de Maio com sentidos e significados importantes ao segmento populacional negro, em que as marcas culturais fazem-se notar nos vários espaços urbanos, apontam, também, para uma complexa capacidade desse grupo de singrar os vários mares de conhecimentos e preferências acerca da forma como conduzir uma vida.⁶

As escolhas, as atitudes e os encaminhamentos que marcam as trajetórias de vida desses sujeitos permitem pensar acerca das formulações e das compreensões que teceram a respeito de suas vidas ao longo dos anos. A intenção deste artigo é interpretar algumas das formas e dimensões das diversas conduções pessoais efetuadas ao longo da atuação desses sujeitos. A análise dos relatos permite perceber que a vida desses sujeitos, mesmo em cidades diferentes, encerram aspectos semelhantes em várias dimensões das ações cotidianas propostas.⁷

Na cidade de Uberaba/MG, depois de diversas idas, com contatos despreziosos, dentre muitas entrevistas efetuadas, destaco a conversa com a senhora Maria Luzia Mapuaba, uma pessoa de longa vivência e sorriso fácil que logo me acolheu.⁸ Em uma tarde de um dia útil, procurei-a, apresentei-me, caminhamos juntos pelo quintal de sua casa e, com a sua autorização, entrei pela área lateral de sua residência, que dá num amplo espaço; casa comum, como muitas da classe trabalhadora brasileira. Depois de uma pequena troca de palavras, sentados, procurei explicar-lhe as razões de minha intenção em entrevistá-la, e na conversa

pedi que me falasse de aspectos da sua vida, de trechos e momentos que julgasse importantes.

A senhora Maria Luzia, até então sempre calma, com minha proposta, mira-me e calmamente muda o semblante, e de súbito, quase emocionada, diz que não vivera nada de extraordinário, e que sua existência havia sido comum, de mulher trabalhadora pobre, com filhos, uma vida difícil, nada mais. Disse-lhe que não era apenas isso, e procurando convencê-la, expliquei-lhe que os tempos muito haviam mudado, multiplicando e transformando as coisas; disse-lhe, ainda, que procurava histórias de homens e mulheres negros que pudessem transmitir, com sua vida, com suas trajetórias pessoais, ensinamentos para as futuras gerações, e que se possível, conversasse comigo como alguém que retransmitiria a sua história para as muitas crianças negras da região.

Procurava convencer a eminente entrevistada que, de fato, as mudanças e novas maneiras de viver dos homens e mulheres negros muito me interessavam,⁹ mas que para isso, precisava entender o que ocorrera no passado. Ouvindo-me, ainda em silêncio, e seguindo com minhas observações a respeito das crianças negras, a depoente de Uberaba, após uma pausa, um olhar distante, pondera ainda assim, com calma, reflete e diz que as crianças não se interessariam pelo acontecido em sua vida, que tudo que passara não era nada mais do que as coisas de uma vida comum. Novamente insisti, disse que não era verdade, e que sendo a mulher que há tempos ouvira falar, uma dona de casa uberabense com uma rica e fascinante história de vida, muito teria a dizer e muitos a ouviriam. Nesse instante, a entrevistada me olha nos olhos de um modo como ainda não fizera. Propondo uma passagem pessoal, indago-a acerca do destino quase certo para a maioria das mulheres negras dos anos 40, 50: o casamento e um grande número de filhos. Essa era uma instituição que estava presente na vida da maior parte das mulheres brasileiras nesse período. Com que idade ela se casara e em que circunstância acontecera o seu matrimônio foi a questão inicial, e, parecendo concordar com o início da entrevista, já tendo, aparentemente me estudado, assim responde:

Casei em 1950, tive que aumentá a idade pra casá, naquela época era diferente num casava assim não, era diferente, não era assim não. Sô do dia 2 de setembro, no documento agora não sei bem a outra data não, meu marido era da classe de 1924 da cavalaria de Pirassununga, casei em 1950, e em junho, 10 de junho de 1951 tive o primeiro filho, nove são vivos, morreram treze, fiquei casada 19 anos até que meu marido morreu.¹⁰

Nas palavras da entrevistada transparecem aspectos importantes da condição de uma mulher negra pobre, que exigem que se indague a condição das demais mulheres da região pesquisada. A entrevistada que se casou em 1950, conforme o relato, com menos de 18 anos, condição impeditiva que a obrigara a aumentar a idade para contrair matrimônio, faz pensar nos fundamentos desse relacionamento entre homem e mulher. Uma mulher jovem, nos anos 50, ao que parece não estava em condições de recusar uma proposta de casamento, mesmo com um marido bem mais velho, que cumpre as obrigações militares na cavalaria na classe de 1924, na cidade de Pirassununga/SP.

As observações acerca da idade dos envolvidos no referido matrimônio são indícios importantes para se pensar o que parece ser uma condição não exclusiva das mulheres negras como a senhora Maria Luzia, no período. A fácil verbalização do nascimento, praticamente imediato do primeiro filho,¹¹ que chega para marcar a longa caminhada de esposa e o histórico das 22 gestações que viriam, corrobora uma prática comum à esmagadora maioria das vivências das mulheres brasileiras das décadas que seguiram.¹² No caso da entrevistada, das 22 gestações, 13 filhos morreriam; os outros nove são motivo de orgulho e, com o grande número de netos, comporiam o universo de uma família negra comum, porém conhecida e respeitada em Uberaba.

Depois de vinte e poucos anos de trabalho ininterrupto, na casa de uma das famílias tradicionais de Uberaba, a senhora Maria Luzia ganha de sua antiga empregadora o terreno onde reside no bairro Mercês. Sua ex-empregadora era esposa de um proprietário de terras, que falece; conseqüentemente, ambas ficam viúvas e, com um grande número de filhos e muita afinidade, auxiliam-se mutuamente. Possivelmente, como forma de agradecimento, a proprietária presenteia a empregada com o terreno.

A entrevistada é amplamente conhecida na cidade de Uberaba apenas como Luzia Mapuaba, do bairro Mercês. Nos dias atuais é dona de uma condição de vida comum, para uma mulher pobre trabalhadora, gozando de um respeito incomum e uma grande estima por parte do conjunto de homens e mulheres negros mais velhos uberabenses e, por uma série de combinações, por boa parte desses moradores pobres mais velhos, aqueles que há duas ou mais décadas residindo na capital do zebu, conhecem-na. Com filhos advogados, professores, dentre outros profissionais, ela não passa por dificuldades materiais; aposentada, possui

um terreiro de Umbanda nos fundos de sua residência, onde recebe visitantes das cidades vizinhas e de outros estados, assim como os uberabenses que a procuram. A senhora Maria Luzia segue sua vida, voltando-se para um grande número de práticas sociais negras e os segredos de suas celebrações.

No tocante a um sem-número de acontecimentos difíceis em sua vida, a depoente relata partes do ocorrido, e apesar das palavras construírem um quadro duro de passagens em sua vivência, seu olhar não vai para o chão, não há vestígios de vergonha, nem mágoa. Ao que parece, o que revela chega aos dias atuais combinando os dois sentimentos, mas as cores do ter vivido e a certeza que aquelas experiências não mais voltariam parecem se fundir ao quadro atual do seu viver, de uma maneira suave e organizada. Não há aqui alusão à insensibilidade, o que parece ocorrer é uma aparente demonstração de força e uma clara, mas dolorosa, tentativa de serena e sincera demonstração de superação do ocorrido e um riso que denuncia uma satisfação com o construído.

Mas esse universo que cerca as condições de vida das mulheres negras brasileiras, o casamento, o número de filhos, a desvalorização no trabalho, entre outros fatores, são uma carga muito grande, e que, à sua maneira, há muito assola essa parcela da população.

Pergunto à senhora Maria Luzia sobre um assunto que, normalmente, é agradável aos entrevistados: qual era o local de origem, o nome, e outros pontos do conjunto de lembranças dos seus pais, e a depoente revela:

Minha mãe era do Prata-MG,¹³ ela morreu em 1971 com 82 anos completos e totalmente lúcida, andava pra cima e pra baixo, conhecia todo mundo. O meu pai era de daqui, o meu avô Vicente Mapuaba deu o grito de liberdade, eu lembro pouco dele, ele falava meio difícil, era difícil compreendê-lo, era um homem forte, minha mãe falava muito dele. Meu pai morreu cedo, eu e minhas irmãs conhecemos pouco ele, logo morreu né, não deu pra nós acompanhá-lo como ele era.¹⁴

A partir dos apontamentos da entrevistada uberabense, tendo falecido sua mãe com 82 anos em 1971, pode ter nascido em 1889, um ano após o fim da escravidão negra no País. Precisa ou não, a informação é fato que passara pelas várias transformações estruturais da sociedade e com as implicações nas relações entre negros e brancos na região do Triângulo Mineiro. O município de Prata,¹⁵ oficialmente emancipado

do município de Uberaba em 1849, ainda mantém com o segundo relações e preferências em grande parcela da dimensão do cotidiano da população pratense. Há ainda elementos remanescentes de um antigo e intenso trânsito de pessoas e serviços entre os dois municípios.¹⁶

No depoimento, as lembranças da entrevistada sobre o pai paracatuense minguem em face do seu falecimento e do conseqüente pouco convívio, além da escassez de informações que não lhe chegaram. Ainda assim, a referência sobre o local de nascimento do genitor, a cidade de Paracatu, no noroeste de Minas Gerais, soma-se aos vários outros indícios sobre a importância desta cidade e do contingente negro dessa localidade para a compreensão do histórico da população negra de diversos municípios de Minas Gerais e de partes do Estado de Goiás.

A depoente observa que o seu pai, apesar de lembrar-se dele muito pouco, falava de modo muito difícil, e que não era fácil compreender a sua pronúncia. Há aqui indícios acerca da presença de uma sonoridade possivelmente permeada de palavras africanas que caíram em desuso com o tempo e no convívio com os demais grupos populacionais locais. Essa é uma considerável pista de que houve, entre outros, uma possível existência e convivência com remanescentes africanos na região.¹⁷

O relato dos locais de nascimento dos pais da senhora uberabense evidencia indícios acerca do trânsito da população de homens e mulheres negros nas localidades analisadas, que em muito permeiam o movimento da memória dos entrevistados. Prossigo a entrevista e peço à senhora Maria Luzia que comente sobre as condições de vida na cidade de Uberaba, sobre a trajetória de manutenção de sua existência, da viabilidade diária, após a morte do pai, as condições de outrora, e a entrevistada relata:

Ah! hoje tá bom, mas o que eu já sofri eu não tenho vergonha de falar não. Minha vida foi quase só sofrê, mas eu não dobro não [Há uma leve mudança na impoção da voz, enfatizando a firmeza, a convicção que a orienta, e segue dizendo]: Quando meu pai morreu, meu pai morreu cedo eu lembro pouco dele, minha mãe fico com nós tudo, não deu nós pra ninguém, e nós fomo cresceno e já fomo, e já fomo trabalhano, fomo trabalhano, eu, comecei cedo, minha mãe sempre trabalhano, minhas irmãs, cada uma que ia cresceno, já arruma alguma coisa pra faze, não foi fácil, foi muito trabalho, hoje não, hoje mudô tudo, tá muito mais fácil.¹⁸

Os apontamentos proferidos com calma e o aparente domínio da disposição das palavras permitem pensar que, ao longo da existência da entrevistada, momentos difíceis foram quase uma constante. Ao que parece, da condição de trabalhadora com escassos recursos e possibilidades, e um sem-número de dificuldades, não resta a vergonha, muito pelo contrário, a condição do presente, de mulher simples e feliz com o construído em sua trajetória vem da possibilidade de lidar com o vivido e com satisfação dizer que sofreu, mas que não se dobrou, fato entendido como situação de difícil condição econômica e momentos extremos. A interpretação do relato aponta para um conjunto de dificuldades vividas, surgidas quando da morte do pai, até então natural provedor do sustento da família. A nova situação, compartilhada com a mãe e as irmãs ao longo dos anos, não foi capaz de empurrá-los a uma condição de degradação e desunião familiar.

Já no início das observações da senhora Maria Luzia, o grau de consciência plena de sua trajetória aparece no domínio do tempo, “[...] *hoje tá bom* [...]”, e na certa amplitude e similitude das condições e experiências sociais vividas, na cidade de Uberaba, que seguramente foram comuns às muitas outras famílias negras. Nessa perspectiva, sigo a entrevista e indago-a sobre a trajetória do casamento, do convívio com o marido, os momentos bons, as formas de contorno das dificuldades da família. A senhora Maria Luzia, desenvolta, afirma que na ocasião do seu casamento, as condições não eram fáceis:

Logo eu casei [uma pausa, seguida de risos, que possui uma conotação de desencanto, desengano, mas não há tristeza nesse momento] o meu marido era jogador da Merceana, ele não trabalhava não, o negócio dele era jogá bola. Nós casamo, a coisa foi ficano ruim e nós fomo morá numa casa, dentro do campo da Merceana [...] a gente não tinha dinheiro, o time quando ganhava dava algum, pouca coisa, mas num era sempre, então, então em troca do aluguel eu lavava a roupa do time, o time também foi fracassando, por causa do presidente ou não sei quem, o fato é que um dia foram lá e cortaram a luz, agora você imagina, no escuro com criança pequena, chegava de noite era um frio e pernilongo, muito pernilongo por causa das mangueiras, eram quase 50 mangueiras¹⁹ aquilo não era fácil, como caía muita folha, o chão chiava [pequena pausa seguida de risos²⁰] era muito difícil aquela vida.²¹

Um marido bem mais velho, jogador em um time de futebol amador do município, e que ganha a vida com as pugnas desse esporte. Nas palavras da senhora Maria Luzia, as ações do esposo, em especial a opção pelo futebol amador uberabense, figuram como uma escolha que levava a entrevistada e seus filhos a uma condição de desconforto, promovido pelo insucesso do companheiro. As referências da senhora Maria Luzia apontam para uma construção de possibilidades em que o futebol parece ser, para alguns homens negros, mais que um trabalho comum, mais que uma fonte de renda habitual.

É possível pontuar, a partir das palavras da entrevistada, que para alguns pobres trabalhadores brasileiros, promover o sustento de um grupo de pessoas no espaço urbano, em especial nas décadas de 40 e 50, não parece ser uma tarefa fácil. Um grande grupo de pessoas, com outros ritmos de trabalho, com saberes pouco ou nada adequados às relações de trabalho citadinas e um quadro de pauperização do trabalhador marcam a atmosfera da época do casamento da senhora em questão.²²

No mesmo sentido, não longe de Uberaba, têm-se as observações de outro entrevistado, o senhor Olinto Silva, em Uberlândia, pessoa extremamente conhecida, sempre presente nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário. Nesse, e em muitos municípios pesquisados, ele é o principal representante da escola de Samba *Unidos do Chatão*, a única que possui quadra coberta própria e considerável número de aficionados. Esse senhor, também conhecido como “*Pai Nego*”, juntamente com o saudoso Capela, na verdade Sebastião Prata, foram, no passado recente dessa localidade, promotores de bailes e outras atividades de conagração dos jovens negros uberlandenses. Dentre tantas entrevistas e inúmeras conversas, quando pergunto ao senhor Olinto Silva sobre sua trajetória de vida, o que fizera por ocasião de sua adolescência, o entrevistado revela:

Eu sempre tive muitos amigos. Com quatorze anos fui morá na pensão, eu não tinha idade, mas o meu irmão falô que era responsável e eu fiquei. Na pensão você sabe, tem todo tipo de gente, e eu graças a Deus sempre consegui me fazê respeitá. Depois eu comecei a jogá futebol, andei muito, joguei em tudo quanto é lugá, não fui profissional não, mas eu ganhei de tudo com futebol, tive uns dois ou três terrenos aqui em Uberlândia, cada novo campeonato as pessoas me procuravam, e eu pra assiná pra alguém negociava e eles me davam, ganhei quase todas as coisas pra casa quando fui casá.²³

As observações do senhor Olinto Silva, no trecho acima, referem-se à construção de um conjunto de possibilidades na cidade de Uberlândia, de onde se sobressaem os ganhos auferidos no futebol amador do município. Os bens adquiridos, os terrenos, os utensílios de sua residência, dentre outros ganhos com a prática do futebol ajudam a compor uma melhor compreensão da opção feita pelo depoente, e estendendo a compreensão, permite pensar acerca da disposição do marido da senhora Maria Luzia, da cidade de Uberaba, em enveredar-se pelas raias do futebol daquele município.

No âmbito pessoal, para o senhor Olinto Silva, destaca-se a compreensão da importância do fato de ter ido morar em uma pensão com muito pouca idade; não há apontamentos que se refiram a um desconforto por ter sido, após a morte do pai, deixado na pensão. Ao contrário, o fato de ter saído de casa muito cedo e a nova organização familiar dos irmãos e irmãs, apontados pelo depoente, parecem contribuir para ampliar o contato com pessoas de diversas partes da região do entorno de Uberlândia e do País, que, em viagens, hospedavam-se na pensão onde morava o depoente.

O número de conversas com homens negros que remetem suas lembranças ao futebol, a uma vigorosa destreza e habilidade física nas cidades pesquisadas, não é pequeno. O espaço compreendido entre os anos de jovialidade do passado, as avaliações e alguns convívios desajustados com as limitações físicas do presente podem ajudar a compor uma melhor compreensão dessa recorrência nas lembranças. De volta ao referido esporte, após a Segunda Guerra Mundial, as partidas esportivas ganham espaços diversos no dia-a-dia brasileiro e a possibilidade de ascensão social por meios próprios e amplamente independentes, gestados a partir da capacidade individual, da destreza, da habilidade e da astúcia corporal podem ter encantado gerações e se constituído em uma possibilidade vislumbrada de perto por muitos homens negros.

Mesmo sem se conhecerem e estando espacialmente separados,²⁴ há, talvez, uma coincidência de posicionamentos diante da conjuntura experimentada entre o senhor Olinto Silva e o marido da senhora Maria Luzia, e muito provavelmente entre outros como eles, no período. Saudáveis jovens e homens negros já feitos, presumivelmente com alguma expressiva habilidade futebolística, procuraram emitir uma combinação de respostas às semelhantes condições do ambiente vivido, no caso, apostando em um futuro melhor, construído a partir do futebol, uma

das opções que em muito encantaram alguns membros da população negra da região. Talvez, corroborada pela possibilidade emanada de um tipo de futebol pautado mais na técnica individualizada e alguma noção de conjunto dando o tom das pejeas. Nesse cenário, têm-se os jogadores negros, nas cidades em análise, jovens trabalhadores, a maioria com poucas chances de progressão econômica, tudo isso somado à confiança individual, fato quiçá vislumbrado pelo marido da senhora Maria Luzia por intermédio do futebol. (ROSENFELD, 1993).²⁵

O relatado sucesso material obtido pelo senhor Olinto Silva, entre outros hábeis jovens negros, marca claramente que esse grupo de pessoas vislumbrava nesse esporte alguma possibilidade de sucesso em um curto espaço de tempo, o que algumas vezes se realizava. Essas e outras práticas das populações pobres e marginalizadas engendram, também, a ampliação constante dos limites postos pelas tensões e pelos ordenamentos instituídos no cotidiano das cidades. Essas ações podem ser entendidas como promotoras da ampliação da atuação do que Maria Odila Leite da S. Dias descreve:

O espaço de sobrevivência [...] que coincidia com a margem tolerada de relativa autonomia dos desclassificados sociais: difícil, se não impossível, de ser devidamente policiado, cresceu com a urbanização, multiplicando oportunidades de improvisação. (1995, introdução).

Uma dada capacidade inventiva de homens e mulheres negros, ao longo dos anos, na história da sociedade brasileira foi, e ainda é, arma recorrentemente utilizada ante o quadro de pressões que assolam esses sujeitos, há muito apontada de forma enviesada, e não raro, de forma jocosa, despolitizadora, como fora encarada e difundida. Essa hábil disposição proporciona, em alguns casos, aos interessados de plantão, uma possibilidade de tentar o incremento de vários estereótipos e desqualificações sociais desse segmento populacional. Valendo-se de uma habilidade inquestionável, em determinadas áreas, alguns poucos do contingente populacional negro deram saltos de uma condição social desfavorável a outra. E, nessa direção, ao longo da narrativa da senhora Maria Luzia, a reprovação dos empreendimentos do companheiro de 19 anos de convivência, feita pela depoente uberabense, encerra uma condição de análise e diálogo com o vivido, mas ao mesmo tempo, permite inferir que o jogador do time da Merceana, durante anos um conjunto

de negros, pode ter pagado um preço alto pela aposta de mudança de vida, para si e para sua família.

Vários são os relatos que se ligam às celebrações discutidas ao longo de muitos anos, em que esses e outros sujeitos se referem às condições sociais construídas a partir de improvisações, relações de tolerância, de intolerância, revides históricos, situações mal-resolvidas, enfim, de um sem-número de elementos dos relacionamentos diários estabelecidos entre os diversos grupos de homens e mulheres negros. Emanam, nas observações de muitos entrevistados, questões tais como as que se observam no relato do senhor Olinto Silva, quando lhe pergunto sobre a condição do negro, no passado, na cidade de Uberlândia. O entrevistado diz:

Hoje, hoje nós tamos no céu, no céu, porque a gente sofreu viu, sofreu muito, vê, se você pensa, se você acha que tudo era assim como é hoje ta enganado! Ta enganado! [Pequena pausa, interrompida com o mesmo tom das palavras anteriores.] Mas eu nunca arredei pra branco nenhum, sempre tive muitos amigos branco, mas ó comigo piadinha, caçoa de mim não, eu revidava, tava pronto pra tudo, mas não foi fácil, hoje, [com a voz embargada, numa pausa clara, completa:] hoje é diferente.²⁶

O tom e a impoção da voz do entrevistado mudam com a intenção de responder à indagação a respeito da presença e da atuação da população negra na cidade de Uberlândia nos idos passados. Compreende-se, pelo teor do relato e pelas atitudes e gestos, que as experiências que emergiram do vivido, advindos da condição de ser negro nessa localidade, mesmo em passado recente, perturbam-no. O preconceito, as piadas, mesmo quando a relação entre jovens brancos e negros era marcada pela amizade, transparecem como possíveis e frequentes. Ao mesmo tempo, a disposição do senhor Olinto Silva permite pensar num grau de conscientização à altura das brincadeiras e das caçadas inter-étnicas locais.

Como indica o relato acima, quando aponta que “se você pensa, se você acha que tudo era assim como é hoje ta enganado, ta enganado”, permite pensar no que representou ser negro no interior daquela sociedade. As muitas transformações nos espaços urbanos e revalorização

de aspectos do viver dessas populações também se efetivaram ao longo dos anos. Da mesma forma, as observações do senhor Olinto Silva reafirmam sua disposição, sua intenção atualizada, ao dizer. “Eu nunca ardeei pra branco nenhum”, e por conta de luta empreendida no passado para fazer-se respeitar, enfatiza: “Eu revidava, tava pronto pra tudo, mas não foi fácil.” As palavras capturam uma interpretação do vivido, uma disposição contida a partir de uma compreensão e, nessa ótica, as observações do depoente em muito permitem ver uma condição histórica difícil no interior da cidade de Uberlândia, enfrentada de maneira clara e contundente.

Os relatos do senhor Olinto Silva permitem pensar que a sua disposição não deve ter sido a única, sua forma de pensar pode ser estendida a outros homens e mulheres negros locais, numa disposição diante de uma situação e/ou ameaça próxima, vislumbrada a partir de um pressuposto motivador que ele não poderia negar. Ainda a partir do relatado feito pelo senhor Olinto Silva, compreende-se que o vivido traz as marcas dos seus relacionamentos e do grupo ao qual se vinculava, e que mesmo após o tempo ter afastado a força dos eventos, a elaboração das experiências que se somam não foram capazes de promover um convívio tranquilo com as lembranças da condição de ser negro naquela conjuntura recente, pois parece permanecer de forma pouco acomodada no seu íntimo,²⁷ posição indicada ao afirmar que nos dias atuais “estamos no céu”.²⁸

Alguns poucos homens e mulheres negros, com muito empenho, dedicação e entrega, às vezes conseguem compor uma condição incomum, consolidando-se economicamente, e em muitos casos, participando de círculos sociais pouco freqüentados por membros do contingente negro. Dentre muitos possíveis casos a serem elencados, extrai-se o da explanação do senhor Herberto, na época um dos incentivadores de minhas pesquisas, que falecera em 1999. Fora o primeiro homem negro a trabalhar no Banco do Brasil, na cidade de Uberlândia; era casado, pai de cinco filhos, uma médica, um engenheiro, um advogado, um arquiteto e outro sem formação universitária concluída. Afirmava nunca ter sofrido preconceito racial, por jamais se abaixar para branco algum. No entanto, em conversas acerca de sua trajetória de trabalho, transpareciam difíceis situações diárias que o tomavam de emoção, ao relatar um fato ocorrido num anexo de sua residência, na Avenida Getúlio Vargas, em Uberlândia. Assim observa o depoente a respeito de como, pode-se pensar, entendia ser negro nessa localidade:

Olha um dia desse chegou uma senhora aqui, minha, minha patroa tem um butequinho aqui, ela faz salgado, faz festa e coisa e tal e a minha filha que é médica tava lá, bateno um papo com a mãe. Chegou uma dona lá, de dinheiro, minha filha tava bem vestida, coisa e tal conversano com a mãe. Aí ela disse, “minha filha, olha, minha filha cê num quer trabalhá pra mim, não?” Naquilo minha filha olhou a mulher, olhou pra mãe dela assim, e disse: – “Uai, trabalho, a senhora tem hospital?” Diz que essa velha perguntou a ela, meio envergonhada: “Ah que bom, você tem profissão, né, ocê é enfermera, né que bom, puxa. Isso é bom, bom pra você né, não dá pra fica sem serviço, é importante sabê alguma coisa”. – Aí minha filha parô, olhô de novo pra mãe dela e respondeu praquela senhora. – “Não, eu não sô enfermeira não, eu sô é médica”. Ah! rapaz, olha, a mulher desmontou (risos e uma certa dose de indignação cortam o ar, em seguida, o entrevistado repete) Minha filha falou “não, eu trabalho, a senhora tem hospital?” Ah, num sabia que ocê era enfermera. Não eu num sô enfermera, não, eu sô médica.²⁹

O trecho do depoimento acima traz a forma como o senhor Herberto lidava com as lembranças de uma complexa situação vivida, em que a prévia construção mental da relação entre negros e os demais grupos sociais uberlandenses valem-se das desqualificações e tentativas de enquadramento dos sujeitos, de tempos em tempos realimentado com brincadeiras e outras formas de se lutar para manter determinados postos e situações sem a presença desses sujeitos. A situação econômica alcançada, a tranquilidade proporcionada pela estabilidade diante do conjunto de desventuras a que todos estão submetidos não se traduz, necessariamente, em novas maneiras de tratamento, novas relações diárias, ou em uma compreensão em que o fato de ser negro e o diálogo com as construções mentais não figure nas interpretações e posições desejadas de alguns membros dos demais segmentos locais.

De acordo com o relato, o entrevistado choca-se ao ver a sua filha médica, em cuja profissão, no geral, pesa a possibilidade de um considerável ganho econômico, de amplo reconhecimento social, uma significativa conquista para uma família negra brasileira, fora tratada pela compreensão e intenção da cliente de salgados e quitandas de sua esposa como uma bem-sucedida jovem negra que conseguiu ser enfermeira. Nesse momento, os problemas locais relacionados à cor da tez e a forma como é vista alcançam e implodem as possíveis prerrogativas, não econômicas, mas de presença de um corpo negro e de sua desejada forma de atuação numa sociedade. Os investimentos,

o empenho e as conquistas auferidas, de acordo com as observações do depoente, não foram suficientes para distanciá-lo dos sinuosos e violentos embates diários entre brancos e negros.

É sabido que numa sociedade de classes não é vedado aos seus membros transpor determinados obstáculos e figurar, mesmo por instantes, entre indivíduos, e mesmo núcleos, de outros grupos de interesses sociais; ao contrário, essas incursões em grupos distintos são importantes exceções que somente confirmam os limites de cada grupo e o grau de solidez de suas fronteiras. Mas, uma vez transpostas as distâncias e superados os contornos que marcam as áreas e as formas de atuação de cada uma das organizações dos grupos sociais, é possível constatar a clara tentativa de relocação de cada um em seu “devido” lugar social. E essa disposição orienta e permite compreender que, muitas vezes, aos primeiros momentos de ameaças às “conquistas” dos grupos são reivindicadas algumas posições estabelecidas que são defendidas acirradamente; são pontos de saturação das aparentes condições de tolerância e indistinção alardeadas pelos defensores da democracia³⁰ que cedem espaços aos confrontos de posições, há tempo escamoteados.

Normalmente, nos instantes de ameaças e de defesas de posições, serão refeitas as configurações dos grupos de interesses, de classes e/ou étnicos, outrora formados sem a introdução de membros que chegaram mais tarde para incrementar a sua composição, no caso, o grupo de homens e mulheres negros, migrantes numa suposta nova condição. Os grupos, de sobreaviso, sem subterfúgios, voltam-se para a ordem inicial que, sob ameaça, é requisitada, e o reenquadramento dos indivíduos é, não raro, processado, as dúvidas sobre os antigos locais que cada um deve ocupar se dissipam em tempos difíceis, e por fim a construção e defesa de determinados espaços sociais passam a não contemplar, sem animosidade, as incursões, sobretudo de membros que carregam a constatação fácil do grupo social de classe e/ou étnico a que pertence.

A condição de profissional médica negra, citada anteriormente, e o constructo mental gestado e disperso no convívio com que se deparara o senhor Herberto, segundo seu relato, fazem supor que a compreensão acerca das condições sociais vividas na cidade de Uberlândia, em que as diversas pressões contidas nesse espaço urbano e as armadilhas individuais forjadas a partir do argumento da competência e do autofazer-se amplia a complexidade da questão da presença de homens e mulheres negros nas cidades listadas, ao invés de restringi-la. Os relatos remetem às observações de Stuart Hall quando pondera sobre como o corpo negro reflete:

Além dos mecanismos de violência e agressão dirigidas, que são características da estereotipia racial, há outras coisas; os mecanismos de ruptura, de projeção, de defesa e de negação. Chegamos a compreender a tentativa de suprimir e controlar, através da economia simbólica de uma cultura, tudo o que é diferente; o perigo, a ameaça, que a diferença representa; a tentativa de recusar, de reprimir, de fixar, de saber tudo sobre o “diferente” para que possamos controlá-lo; a tentativa de fazer daquilo que é diferente objeto de exercício de poder. (1996, p. 336-343).

O exemplo de vida vitoriosa do senhor Herberto, que na cidade de Uberlândia conquistou condições materiais que, no geral, poucos homens e mulheres negros puderam alcançar, aponta para uma variedade de obstáculos transpostos ao longo de sua existência. A presença e a atuação de homens e mulheres negros nas cidades do Triângulo Mineiro, partes do Alto Paranaíba e do Sudeste de Goiás, sem dúvida encerram aspectos importantes ao grupo, mas não à margem dos demais acontecimentos e envolvimento sociais que afetaram os demais grupos populacionais locais.

A especificidade da trajetória histórica, os desdobramentos sociais, as tensões e as constantes movimentações de uma sociedade plural, como é a brasileira, compõem um material importante para se compreender os embates do passado e o que determinou a presente construção social que conhecemos. A questão das memórias dos múltiplos grupos populacionais nacionais coloca-nos um dilema que a fonte oral oportuniza investigar. Os sentidos do passado não estão determinados, como querem as narrativas-síntese que se veiculam pelos locais consagrados de difusão da História Nacional. Ainda há muito por incluir nessas construções.

Notas

¹ A primeira das reflexões, ainda em 1995, intitulada *Congos e moçambiques: representações da cultura negra nos jornais de Uberlândia* procurara compreender como os principais veículos de imprensa local registraram suas posições a respeito das celebrações de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Uberlândia. O segundo trabalho, em 1996, uma versão ampliada do primeiro, denominado *Representações da cultura negra na imprensa de Uberlândia*, pretendeu listar e compreender as várias posições externadas nos diversos meios de comunicação escrita local. Da terceira reflexão, dentre tantos produtos, destaco a dissertação intitulada *Função de preto: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG-1945/1960*, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde também foi defendida a quarta e mais importante análise: a tese de doutoramento intitulada *Salve o Rosário, o Rosário Salve: sentidos e modos de viver das populações negras no Brasil Central*.

² Sem dúvida, busquei analisar a maneira de ser e de agir, repleta de conteúdo político-cultural e histórica, constituindo um modo de vida de uma parcela da população de homens e mulheres negros que se lançaram ao longo dos anos, construindo o possível e mantendo suas convicções em meio ao convívio com diversas outras formulações de sociedade.

³ Nunca faltaram razões para que as tensões sociais brasileiras não contivessem os principais elementos para uma cisão irreconciliável. Já foi dito que os 388 anos de escravidão da população africana, que mais tarde comporia um significativo percentual da população brasileira, fez

com que esses indivíduos encerrassem uma dada particularidade de memória de ser brasileiro. O período com a forma monárquica, os anos de regime autoritário-oligárquico, os 36 anos de ditadura semifascista, os anos de regime democrático burguês, a ilusão de liberdades civis plenas, dentre outros elementos diários, externam, aos olhos de todos, o difícil caminho de construção de respeito à cidadania dos demais brasileiros.

⁴ Compreender diversos aspectos importantes do vivido pelo conjunto de homens e mulheres negros, em um grande número de municípios, valorizando as percepções, as avaliações das iniciativas, das escolhas individuais, das opções encontradas ante as aspirações e os interesses compunham um ambiente único, a partir das revelações das narrativas dos entrevistados. Essas, por certo, são refinadas com o passar dos anos e o acalmar dos corações. Nesse sentido, as fontes orais constituíram-se na melhor possibilidade de investigação.

⁵ No encaminhamento dessas questões tem-se que as atividades sociais, inicialmente eleitas para a pesquisa, ainda persistem em meio aos diversos afazeres e tensões do cotidiano do conjunto de homens e mulheres negros envolvidos com os ternos de Congos, Moçambiques, Catupés, entre outros, ano após ano (apesar das inegáveis mudanças e transformações sociais, destas regiões); com suas ações, com suas formas de viver, com muita força imprimem uma página, seguida de outras, de uma história de atuação pessoal conectada a sentidos que se espriam ao coletivo, permeando e tensionando as formulações do conjunto

de valores e compreensões comumente divulgados.

⁶ As disposições sociais presentes nessas localidades e as atitudes ao arrostar aspectos importantes para esses sujeitos, permitem pensar numa orquestração social do grupo, que passa pela organização de vida a partir das condições encontradas dispostas à sua frente e de uma compreensão própria de sua existência.

⁷ No tocante à fonte oral, diversos foram os momentos e as experiências partilhadas com os demais sujeitos da pesquisa, ao longo dos anos de trabalho e de conseqüentes viagens pelos municípios das regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba e do sudeste de Goiás. O grande número de lugares e de pessoas conhecidas e entrevistadas, os contatos telefônicos, as diversas conversas nas ruas, nas praças, algumas mais curtas, outras mais demoradas e não menos reveladoras, são dignos de nota e de agradecimento. O adentrar as diferentes casas, sempre regado a água e café, o calmo caminhar pelas calçadas, as paradas e os encontros fortuitos às margens dos campos de futebol, nas periferias, as visitas emocionadas aos locais dos clubes negros e aos clubes onde negros não entravam, as revelações surpreendentes nas calçadas onde negros não podiam andar, as muitas edificações onde moraram personalidades negras são alguns dos momentos em que fui conduzido pela experiência dos entrevistados. Os muitos contatos com os locais onde muitas mulheres negras trabalharam durante anos são algumas das ocasiões onde entrevistador e entrevistados mergulharam em conjunto e construíram uma interpretação, um posicionamento sobre a relação entre os valores, os sentidos, o momento vivido por uma parte importante da população

negra desses municípios e os demais valores e sentidos presentes nessas localidades. Entre tantas incursões, sempre em companhia dos entrevistados, proporcionadas pela pesquisa, destaco as visitas às áreas, aos terrenos onde um dia existiram alguns dos importantes símbolos das tentativas de viabilização de espaços, de afetividade e de oportunidades sonhadas pelos entrevistados, ou por parentes próximos. Nesse conjunto, há os antigos locais de moradia própria ou de conhecidos, os locais de trabalho, os de lazer, as ruas que mudaram o calçamento ou o sentido do tráfego, onde muitos dos homens e mulheres negros freqüentemente passavam e viveram sua infância e adolescência, espaços de onde alguns partiram, enquanto outros dali nunca saíram. Obrigado a todos por partilharem suas lembranças.

⁸ A eminente entrevistada foi uma das fundadoras de uma importante agremiação carnavalesca, a Escola de Samba Rosas de Ouro, campeã do carnaval de 2003; é uma das mais velhas de uma família de longa tradição e atuação junto às práticas sociais negras uberabenses. Juntamente com seus familiares fundou também dois ternos de Congos e possui no seu quintal uma casa de Santo Ubandista, no bairro Mercês, em Uberaba.

⁹ Propunha, a princípio em silêncio, e em seguida externava à senhora Maria Luzia, que com o imbricamento de valores e a difusão de uma única proposta de ser, as crianças, de modo geral, e as negras para efeito da análise, segundo consideráveis indícios, rapidamente procuram afastar-se de muitas práticas dos pais e avós, mas logo se traem em vários aspectos do dia-a-dia.

¹⁰ Depoimento da senhora Maria Luzia Mapuaba, entrevista em sua residência, no bairro Mercês, em Uberaba, no dia 31 de março de 2003.

¹¹ A partir deste instante, a entrevista transcorreu sem interrupções de qualquer natureza, com as interpretações do vivido fluindo bem, demonstrando uma provável confiança crescente e um aparente aceite das proposições do seu interlocutor. Dessa forma, a comunicação, nesse momento, parece estar estabelecida numa base aceitável para ambos. Os minutos de hesitação transformam-se, e uma conversa em que havia o tatear de incertezas e apreensões comuns dá lugar à compreensão dos contornos das intenções dos envolvidos, que apareceram e permitiram, a ambos, assenhorear-se de uma combinação aceitável e única que acabou por viabilizar um diálogo tranqüilo. Sobre quem dirige a entrevista e a negociação constante tem-se que: “a comunicação sempre funciona de ambos os lados. Os entrevistados estão sempre, embora talvez discretamente, estudando os entrevistadores que os estudam”. (PORTELLI, 1997, p. 7-24).

¹² Nesse aspecto, enquanto a média do número de filhos da mulher brasileira, em geral, mantinha-se na casa de seis por família, os dados não apontam para o número de gestações que as mulheres tiveram durante o casamento. Sobre o número de filhos e a fecundidade da mulher brasileira, veja-se (BERQUÓ, 2001, p. 14-37).

¹³ O município de Prata dista cerca de 85 km da cidade de Uberlândia e cerca de 110 km da cidade de Uberaba.

¹⁴ Depoimento da senhora Maria Luzia Cardoso, conhecida como Maria Luzia Mapuaba, entrevistada no dia 31 de março de 2003.

¹⁵ É, em extensão territorial, o segundo maior município do Estado de Minas Gerais com ampla produção leiteira, historicamente, na frente de sua economia, quadro que muda na entrada dos anos 80 com a chegada das plantações de laranja, vindas do interior do Estado de São Paulo, com problemas fitossanitários, que encontra nas terras mineiras boas condições de continuidade de sua atividade.

¹⁶ O trânsito entre a cidade de Uberaba e a cidade de Prata é grande. Normalmente é feito por meio de uma antiga estrada não-pavimentada, conhecida por quase toda a população mais velha dos dois municípios.

¹⁷ A questão relacionada à origem da população negra presente nesses municípios será, em muitos casos, apenas esboçada nessas discussões, quando possível. Ainda em tempo, a questão das sonoridades africanas remanescentes e que desapareceram com o tempo, parece ser algo semelhante ao que acontecera com os primeiros imigrantes europeus que aqui aportaram e mesmo com as populações indígenas dessas regiões. Esses primeiros grupos populacionais, como os negros africanos, falavam pouco o português e, quando o faziam, seguramente adequavam as palavras do novo idioma ao seu modo de falar, e com o tempo e o intenso convívio com outros grupos influenciaram e foram influenciados pelos sujeitos, num trânsito intenso e inegável. Há, numa outra direção, trabalhos sobre populações negras, mais ou menos isoladas e a manutenção de formas de sociabilidades e de comunicação. Dentre alguns estudos, veja-se (VOGT; FRY, 1996). Esta análise aponta, entre outras referências, à presença da utilização de um conjunto de léxico, com uma estrutura gramatical

e formação genitiva (preposição + nome) encontrada pelos autores na região do Cafundó, bairro rural situado no município de Salto do Pirapora, a 30 quilômetros de Sorocaba e a cento e 150 de São Paulo. Há, ainda neste estudo, referências a um bairro negro na cidade de Patrocínio, no Estado de Minas Gerais, em que as populações negras ali radicadas usariam dos mesmos procedimentos lingüísticos encontrados em Sorocaba. Na mesma direção, há estudos como o de Paula (2000), em que a autora, utilizando uma abordagem da lingüística, cruza elementos dispostos nas canções dos ternos no interior da festa de Nossa Senhora do Rosário da Cidade de Catalão e debate a utilização e as preferências dos dançadores por construções lingüísticas e corrupções de palavras e sentidos, num diálogo social intenso em meio às comemorações locais.

¹⁸ Depoimento da senhora Maria Luzia Mapuaba, entrevistada no dia 31 de março de 2003.

¹⁹ O time da Merceana, não existe mais, era um quadro formado por atletas do bairro das Mercês em Uberaba, embora com a praça de esportes desativada ainda é possível ver as mangueiras a que se refere a entrevistada no Colégio Polivalente naquela localidade.

²⁰ Neste momento a entrevistada deixa ver o alívio pelo distanciamento da situação vivida, mas ainda assim, o relato não é permeado de peso, vem à tona um sincero folgar, talvez por ter vencido aquela conjuntura.

²¹ Depoimento da senhora Maria Luzia Mapuaba, entrevistada no dia 31 de março de 2003.

²² Em nenhum momento o nome do falecido marido da depoente é citado, e em respeito à opção da senhora Maria

Luzia, decidi selar o acordo estabelecido por ocasião da concessão da entrevista e não indaguei acerca do seu falecido marido. Como sugere Alessandro Portelli, nas entrevistas “ambas as pessoas trazem para a entrevista uma agenda própria, que é constantemente reajustada no curso da conversa”. (2001, p. 9-37).

²³ Depoimento do senhor Olinto Silva, entrevista em sua residência, no bairro Custódio Pereira, em Uberlândia, no dia 7 de abril de 2003.

²⁴ A distância entre as cidades de Uberaba, onde residia o esposo da senhora Maria Luzia, e Uberlândia, onde reside o senhor Olinto Silva, é de cerca de 110 km.

²⁵ Ainda sobre os clubes de futebol, as rivalidades e a sublimação dessas paixões, defesas territoriais e sentidos diversos, veja-se (ZALUAR; ALTIVO, 1998, p. 15-21).

²⁶ Depoimento do senhor Olinto Silva, da cidade de Uberlândia, no dia 7 de abril de 2003.

²⁷ Como observa Paul Ricouer, ao propor que “o esquecimento envolvido no perdão [na negociação cotidiana], é o esquecimento da dívida e não o esquecimento do fato”. (RICOUER, 1995, p. 190 apud ZAWADZKI, 2001, p. 371-402).

²⁸ Muitas são as observações levantadas ao longo dos anos de pesquisa acerca das dificuldades por que passou esse ou aquele membro do contingente populacional negro nas cidades da região em face da forma como fora tratado, agredido, pressionado para que se comportasse dessa ou daquela maneira no dia-a-dia das sociedades em que estavam inseridos. Os acontecimentos dessa natureza são vários, e múltiplos são os aspectos da relação de tentativas de

dominação e as conseqüentes resistências, negociações, revides, acomodações, aceites temporários, entre outros aspectos das tentativas de impor posições outras entre os diferentes grupos de interesses dessas localidades, o que marca, claramente, um dinamismo nas relações entre os vários grupos populacionais nestas localidades.

²⁹ Depoimento do senhor Herberto Machado, da cidade de Uberlândia, no dia 5 de setembro de 1997.

³⁰ Coaduno com a perspicaz provocação de Pierre Manent, quando

afirma sobre a possibilidade do diálogo com os ‘amigos excessivos da democracia’, ao observar que “a democracia se funda na igualdade, (e alguns) querem realizar esta igualdade. Querem tornar real a igualdade que é apenas formal. [Seu esforço é oriundo da] [...] negação pura, pois querer realizar uma abstração democrática, que nada tem de humano, é pretender realizar o irrealizável. O esforço para realizar o irrealizável só pode consistir na destruição de tudo aquilo que é realmente humano”. (1995, p. 178-79 apud ZAWADZI, 2001, p. 371-402).

Referências

- BERQUÓ, Elza. Evolução demográfica. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). *Brasil um século de transformações*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre a questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- HALL, Stuart. Race, culture, and communications: looking backward and forward at cultural studies. In: STOREY, John (Ed.). *What is cultural studies?* Trad. de Elen Hughes e Yara Khoury. London: Arnold, 1996.
- MANENT, Pierre. Tocqueville et la nature de la démocratie. In: ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre a questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- PAULA, Maria Helena de. *Cantigas das congadas de Catalão*; aspectos lingüísticos e identidade cultural. 2000. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, UFGO, 2000.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.
- _____. História Oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 9-37, jun. 2001.
- PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.
- RICOUER, Paul. La critique et la conviction. In: ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre a questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó: a África no Brasil: linguagem e sociedade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- ZALUAR, Alba; ALTIVO, Marcos (Org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998.
- ZAWADZKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre a questão sensível*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

Artigo recebido em julho de 2007. Aprovado em setembro de 2007.